

Problemas de Historiografia Helenística

**Breno Battistin Sebastiani,
Fernando Rodrigues Jr.,
Bárbara da Costa e Silva (coords.)**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

DÍON CÁSSIO: UM HISTORIADOR NO REINO DE FERRO

(Cassius Dio: a Historian Under a Reign of Iron)

ANDERSON MARTINS ESTEVES
Professor do Departamento de Letras Clássicas da UFRJ
(<https://orcid.org/0000-0002-1191-4858>)

RESUMO: Neste texto, apresentamos, de forma resumida e panorâmica, os principais aspectos da vida de Dión Cássio, que floresceu no início do século III, tendo como objetivo compreender as concepções historiográficas e políticas subjacentes à sua obra, a *História Romana*. Para isso, com a ajuda de sua fortuna crítica (com ênfase no século XX), discutimos, primeiramente, origem familiar, nome, educação, *cursus honorum* e obras de Dión. Em um segundo momento, abordamos o problema da datação da *História Romana*, as prováveis fontes utilizadas pelo autor e o estado lacunar em que a obra nos alcançou. Finalmente, tratamos dos modelos historiográficos do autor e de suas ideias sobre o sistema político do Principado, regime que se encontra em crise no momento em que Dión escreve. Com isso, esperamos tornar disponível aos leitores uma introdução atualizada ao autor e a sua obra.

PALAVRAS-CHAVE: Dión Cássio, *História Romana*, Principado, historiografia romana, dinastia severa.

ABSTRACT: In this paper, we present, in a summarized and panoramic way, the main aspects of the life of Cassius Dio, who flourished in the beginning of the third Century, aiming to understand the historiographic and political conceptions underlying his work, *Roman History*. For that purpose, with the help of critical resources (with an emphasis on the twentieth century), we first discuss family origin, name, education, *cursus honorum* and works of Dio. In a second moment, we approach the problem of the dating of *Roman History*, the probable sources used by the author and the lacunar state in which the work has reached us. Finally, we deal with the historiographical models of the author and his ideas about the political system of the Principate, a regime that is in crisis at the moment in which Dion writes. With this article, we hope to make available to the readers an updated introduction to the author and his work.

KEYWORDS: Cassius Dio, *Roman History*, Principate, Roman historiography, Severan dynasty.

No ano de 192, o último do principado de Cômodo, o senado romano assistiu a um espetáculo inusitado:

οὗτος μὲν ὁ φόβος πᾶσι κοινὸς καὶ ἡμῖν καὶ τοῖς ἄλλοις ἦν: ἔπραξε δὲ καὶ ἕτερόν τι τοιόνδε πρὸς ἡμᾶς τοὺς βουλευτάς, ἐξ οὗ οὐχ ἦκιστα ἀπολείσθαι προσεδοκῆσαμεν. στρουθὸν γὰρ ἀποκτείνας καὶ τὴν κεφαλὴν αὐτοῦ ἀποτεμὼν προσήλθεν ἔνθα ἐκαθήμεθα, τῇ τε ἀριστερᾷ χειρὶ ἐκείνην καὶ τῇ

δεξιᾶ τὸ ξίφος ἡματωμένον ἀνατείνας, καὶ εἶπε μὲν οὐδέν, τὴν δὲ κεφαλὴν τὴν ἑαυτοῦ σεσηρῶς ἐκίνησεν, ἐνδεικνύμενος ὅτι καὶ ἡμᾶς τὸ αὐτὸ τοῦτο δράσει. Díon Cássio. *História Romana*. 73 (72). 22. 1 - 2¹

Este medo era comum a todos, tanto a nós [senadores] como aos demais. E eis que ele [Cômodo] fez outra coisa contra nós, senadores, que nos fez pensar bastante em nossa morte. Com efeito, tendo matado um avestruz e cortado sua cabeça, ele veio até o lugar em que estávamos sentados, tendo na mão esquerda a cabeça e elevando, na direita, a espada ensanguentada. E mesmo que não dissesse nada, moveu seu rosto com um sorriso, mostrando que faria o mesmo conosco.²

Díon Cássio, presente nessa sessão ominosa, é o autor dessa narrativa, que dá conta do clima de medo que se instaurou na Cúria, desde a morte de Marco Aurélio, em 180. Nas próprias palavras de Díon, a partir desse momento a história romana, que até então vivia um “reinado de ouro” (*chryses te basileias*), passa a uma era de ferro (*sideran*)³. Essa percepção é reforçada em vários trechos de sua obra, mas especialmente no discurso que Septímio Severo – de volta a Roma em 197, após ter vencido a Albino e, com isso, ter encerrado a crise que se sucedeu ao fim da dinastia nerva-antonina – proferiu diante dos senadores, aterrorizados por terem, em sua maioria, apoiado o partido vencido:

μάλιστα δ' ἡμᾶς ἐξέπληξεν ὅτι τοῦ τε Μάρκου υἱὸν καὶ τοῦ Κομμόδου ἀδελφὸν ἑαυτὸν ἔλεγε, τῷ τε Κομμόδῳ, ὃν πρόην ὕβριζεν, ἥρωικὰς. 8.1 ἐδίδου τιμάς. πρὸς τε τὴν βουλὴν λόγον ἀναγινώσκων, καὶ τὴν μὲν Σύλλου καὶ Μαρίου καὶ Αὐγούστου αὐστηριαν τε καὶ ὠμότητα ὡς ἀσφαλεστέραν ἐπαινῶν, τὴν δὲ Πομπηίου καὶ Καίσαρος ἐπιείκειαν ὡς ὀλεθρίαν αὐτοῖς ἐκεῖνοις γεγενημένην κακίζων, ἀπολογίαν τινὰ ὑπὲρ τοῦ Κομμόδου ἐπήγαγε, καθαπτόμενος τῆς βουλῆς ὡς οὐ δικαίως ἐκεῖνον ἀτιμαζούσης, εἶγε καὶ αὐτῆς οἱ πλείους αἰσχίον βιοτεύουσιν. 76 (75). 7. 4 - 8. 2

Ele nos causou um enorme temor, intitulando-se filho de Marco [Aurélio] e irmão de Cômodo – ao mesmo Cômodo de que antes abusou, agora atribuía honras divinas. Lendo um discurso diante do senado, louvou a austeridade e a

¹ Todas as demais citações gregas são referentes à *História Romana*, de Díon Cássio, e serão indicadas da maneira usual: primeiramente, o número do livro, conforme a edição Boissvain (1885-1901) e, quando for o caso de divergência, entre parênteses (ou colchetes), a numeração anterior, tomando por base a edição Sturz (1824-1825). Os textos são extraídos da edição Forster-Cary (1914-1927).

² Todas as traduções são nossas.

³ (ἀπὸ χρυσῆς τε βασιλείας ἐς σιδηρᾶν καὶ κατιωμένην τῶν τε πραγμάτων τοῖς τότε Ῥωμαίοις καὶ ἡμῖν νῦν καταπεσοῦσης τῆς ἱστορίας; nossa história agora desce de um reino de ouro para um reino de ferro e ferrugem, tal como os acontecimentos atingiam os romanos naquela altura – 72 [71]. 36. 4)

crueldade de Sula, Mário e Augusto, como sendo o mais seguro, e reprovou a moderação de Pompeu e César, como tivesse se tornado funesta aos mesmos. Apresentou como que uma defesa de Cômodo, reprovando o senado porque o tinha desonrado de forma injusta, já que muitos dos próprios senadores viviam de maneira mais vergonhosa.

O tempo da moderação e da justiça (*epieikeia*) tinha se encerrado com Marco Aurélio. Com a dinastia instaurada por Septímio Severo, um novo tempo de austeridade e crueldade (*austerian te kai omometa*) se anunciava. A *clementia Caesaris* deixava de ser o paradigma político para a relação entre o imperador e a ordem senatorial, que agora deveria se submeter ao rigor anunciado por alguém que se intitulava irmão de Cômodo – é mister lembrar de que este, após ser assassinado em 192, sofrera uma *damnatio memoriae* pelo Senado justamente por seus excessos e crueldade, ou, em outras palavras, por não respeitar os privilégios dos membros da ordem senatorial. Da mesma forma, o elogio a Sula devia ter suscitado comoção na Cúria, com a lembrança das famosas “proscrições”, pelas quais mais de 200 senadores e cavaleiros foram mortos. Aparentemente, a evocação do líder dos *optimates* é uma constante nos primeiros anos dos Severos, já que Caracala, filho de Septímio, manda reerguer o monumento a Sula no Fórum Romano (78 [77]. 12. 7).

É esse o cenário político dos tempos de Díon Cássio, grego nascido em Nicéia, segunda cidade mais importante da província da Bitínia⁴, em 163 ou 164⁵, em uma família abastada e influente na política local. Seu pai, Cássio Aproniano, foi senador consular e governador de três províncias imperiais⁶, atingindo o ápice social de uma família grega cujos liames com Roma datam do século I E.C Sua família, muito provavelmente – sobretudo quando se considera que, desde Trajano, os senadores provinciais deveriam possuir pelo menos um terço de suas propriedades na península itálica⁷ – dividia seus negócios e laços sociais entre Nicéia e Roma.

Seu nome, em latim, de acordo com Gowing⁸, com base em uma inscrição da Macedônia, descoberta em 1970, é Claudius Cassius Dio. Molin⁹, tomando por base o diploma militar, escrito em latim, de um marinheiro da esquadra

⁴ Em 80.5.2, refere-se à Bitínia como sua pátria. Em 76 (75). 15. 3, é mais preciso e indica a cidade de Niceia como sua pátria.

⁵ Vrind (1923: 164-5) data seu nascimento em 155, partindo da crença equivocada de que Díon já era cônsul em 180, quando ouve o discurso de “posse” de Cômodo diante do Senado. A partir do estudo de Millar (1964), os estudiosos tendem a datar o nascimento de Díon entre 162 a 165.

⁶ Lícia-Panfília, Cilícia e Dalmácia.

⁷ Cf Plin. *Ep.* 6, 19. O próprio Díon Cássio revela ter uma propriedade em Cápua (76 [75]. 2. 1).

⁸ Gowing 1990: 49.

⁹ Molin 2016: 432.

de Miseno, originário da Cilícia, sustenta que seu *praenomen* é Lucius¹⁰, que parece mais provável do que Claudius, que, no sistema dos *tria nomina*, figura tradicionalmente como *nomen*, i.e. nome de família. A atribuição tradicional do *cognomen* Cocceianus ao historiador é, como demonstra Gowing¹¹, uma confusão de comentaristas bizantinos entre Cássio e Díon Crisóstomo (Dio Cocceianus, apelidado, posteriormente, de Crhysostomus). Em português, em respeito à tradição, seguimos a ordem grega do nome – *Dion, o Kassios*.

Provavelmente, viveu na província nos primeiros anos, onde recebeu a primeira educação¹², e chegou a Roma por volta de 180, já que ouviu o discurso de investidura de Cômodo diante do Senado¹³. Se fez seus estudos de retórica em Roma, é provável que os tenha interrompido, já que, em 182 ou 183, está com o pai na Cilícia (73 [72]. 7. 2). De qualquer maneira, considerando sua língua materna e o pouco que se sabe sobre sua biografia, parece provável que tenha estudado com um com um *rhetor* grego, quer em Roma¹⁴, quer na Ásia Menor¹⁵, o que significa, considerando o movimento conhecido como Segunda Sofística, que foi impregnado pelo estilo dos oradores áticos. Em que pese suas origens e sua educação, vale notar, como lembra Rich¹⁶, que Díon é o exemplo de um homem, ao mesmo tempo, grego e romano – e nisso deve-se dar razão ao caráter greco-romano do Império, preconizado por Paul Veyne.¹⁷ Apesar de escrever em grego e de reconhecer na Bitínia sua pátria, escreve a história de Roma a partir do ponto de vista de um senador e conforme as tradições da historiografia senatorial.

Sobre seu *cursus honorum* e demais fatos associados à sua carreira política, só temos duas datas certas: no inverno de 214/215 é *amicus* na corte de Caracala na Nicomédia (78 [77]. 17. 13 - 18. 1) e em 229 é cônsul, pela segunda vez, junto com o imperador Alexandre Severo (80. 50. 1)¹⁸. Foge ao escopo deste trabalho discutir, em pormenor, as possíveis datas de cada cargo que exerceu e, por conta

¹⁰ Faço justiça a J. W. Rich (1990: 1), que, 16 anos antes de Michel Molin), já mencionava o diploma militar, atribuindo a notícia de seu descobrimento a Fergus Millar. Rich, contudo, discorda da leitura de Gowing (1990: 49), que lê o Kl. da inscrição epigráfica como indicativo do nome Claudius. Para Rich, “the *kappa* should probably be regarded as the stone-cutter’s error”.

¹¹ Gowing 1990: 50.

¹² Contrariamente, Rich (1990; 1) supõe que tenha estudado em Roma, provavelmente acompanhando o pai.

¹³ Díon afirma ter estado presente na sessão (73 [72]. 4. 2). Estava presente na qualidade de filho de senador, conforme legislação de Augusto (Suet. *Aug.* 38. 2), que autorizava que filhos de senadores, para ganharem experiência na vida pública, ao assumirem a toga *virilis*, tivessem direito ao *latus clavus* e, com isso, a frequentarem as sessões do Senado (cf. Millar 1964: 14).

¹⁴ Millar 1964: 14-15.

¹⁵ Rosellini 1996: ix.

¹⁶ Rich 1990: 1.

¹⁷ Veyne 2005: *passim*.

¹⁸ E várias inscrições...

disso, resumo os principais degraus do *cursus honorum*, indicando os anos aproximados. A partir de certo ponto em suas *Histórias*, Dión passa a se referir ao senado como “nós” (73 [72]. 4. 2), o que torna provável que por esta altura, no ano de 192, tenha se tornado senador. Em 194 ou 195 foi designado pretor (74 [73]. 12. 2) e foi *consul suffectus* nos primeiros anos do principado de Cômodo¹⁹, ou mais tardiamente, sob Septímio Severo.²⁰ Macrino o aponta *curator* nas cidades de Pérgamo e Esmirna (79. 7. 4) e, depois disso, Dión refere-se de forma sumária a cargos na administração das províncias da África, Dalmácia e Panônia Superior, sem precisar nenhuma data (80. 1. 2 - 3)²¹. Sua carreira impressiona Martin Hose, que afirma que possivelmente o historiador pertencia ao “círculo interno dos confidentes dos Severos”.²² Millar, escrevendo em 1964, mas diante das mesmas evidências, demonstra menos entusiasmo e interpreta o *cursus honorum* de Dión até o reino de Alexandre Severo como “digno de respeito mas não notável”²³, atribuindo a honrarias do final de sua carreira – as funções na administração provincial e o consulado ordinário de 229, tendo como colega ninguém menos do que o imperador – como um “subproduto do ressurgimento do Senado, em face da fraqueza da dinastia”²⁴.

A estreia da carreira literária de Dión é intimamente ligada à sua posição política, como ele próprio escreve:

πόλεμοι δὲ μετὰ τοῦτο καὶ στάσεις μέγισται συνέβησαν, συνέθηκα δ' ἐγὼ τούτων τὴν συγγραφὴν ἐξ αἰτίας τοιαύσδε. βιβλίον τι περὶ τῶν ὄνειράτων καὶ τῶν σημείων δι' ὧν ὁ Σεουήρος τὴν αὐτοκράτορα ἀρχὴν ἤλπισε, γράψας ἐδημοσίευσα: καὶ αὐτῷ καὶ ἐκεῖνος πεμφθέντι παρ' ἐμοῦ ἐντυχῶν πολλὰ μοι καὶ καλὰ ἀντεπέστειλε. ταῦτ' οὖν ἐγὼ τὰ γράμματα πρὸς ἐσπέραν ἤδη λαβὼν κατέδαρθον, καὶ μοι καθεύδοντι προσέταξε τὸ δαιμόνιον ἱστορίαν γράφειν. καὶ οὕτω δὴ ταῦτα περὶ ὧν νῦν καθίσταμαι ἔγραψα. καὶ ἐπειδὴ γε τοῖς τε ἄλλοις καὶ αὐτῷ τῷ Σεουήρῳ μάλιστα ἤρεσε, τότε δὴ καὶ τᾶλλα πάντα τὰ τοῖς Ῥωμαίοις προσήκοντα συνθεῖναι ἐπεθύμησα:

73 (72). 23. 1 - 3

Depois disso, sobrevieram guerras e desordens civis. Eu fui inspirado a escrever sobre isso pelo motivo que segue: publiquei um livrinho que tinha escrito sobre os sonhos e os prodígios, que dera motivo a Severo de ter esperanças de chegar ao poder imperial. Tendo enviado a ele o livro, após tê-lo

¹⁹ Murison 1999: 6.

²⁰ Millar 1964: 17; Rich 1990: 2; Molin 2016: 445.

²¹ De acordo com Molin (2016: 446), é procônsul da África em 222/223 ou 223/224; legado propretor de nível consular na Dalmácia em 224 ou 225, exercendo o mesmo cargo na Dalmácia em 225 ou 226.

²² Hose 2010: 462.

²³ Millar 1964: 25.

²⁴ Millar 1964: 26.

lido, ele me enviou uma carta longa e afável. Recebi esta carta à noitinha, e rapidamente, adormeci; enquanto dormia, meu *daimon* me ordenou escrever história. E assim passei a escrever aquilo com o que me ocupo agora. E já que meus escritos ganham a aprovação dos outros e, principalmente, do próprio Severo, eu então concebi o desejo de compor um registro de todas as demais coisas ligadas aos romanos.

A passagem é inserida após a morte de Cômodo, em dezembro de 192, que deu início a um novo Ano dos quatro imperadores (desta vez, com cinco pretendentes), em 193. A primeira obra a que Díon alude é um livro sobre sonhos e prodígios, que, como informa, apoiou a pretensão de Septímio de chegar ao principado. Millar²⁵ e Murison²⁶ concordam em ver a obra como um inequívoco instrumento de propaganda em favor do novo imperador. Hose²⁷ mostra-se cauteloso em afirmar o objetivo de Díon era de assegurar sua carreira e, especificamente, sua indicação para pretor, durante o curto principado de Pertinax (janeiro a março de 193), aceitando também a hipótese de uma “verdadeira crença nos sonhos e sinais”. A meu ver, o fato de que Díon efetivamente acreditasse que os deuses se comunicassem com os homens por meio de sonhos e portentos²⁸ não é, de modo algum, incompatível com o uso político e propagandístico que fez desses. Ou, por outras, se o nosso historiador não quisesse utilizar o material – possivelmente oriundo do próprio imperador²⁹ – com o fim promover a ideia de que Severo era predestinado a ser imperador, certamente não o teria “publicado”.

A segunda obra, que, conforme informa o autor, foi inspirada por seu *daimonion*, é de natureza histórica e se dedicava às guerras que se seguiram à morte de Cômodo. Incluía, certamente, as guerras civis de 193, prolongando-se, provavelmente, até as guerras da Mesopotâmia (195 e 198) e a vitória sobre Clódio Albino (197). Para Millar, o livro poderia ter sido publicado na volta triunfal de Severo, em 197³⁰, enquanto que para Murison, apoiado no plural *polemoi* (73 [72]. 23. 1), a obra deveria incluir a segunda guerra mesopotâmica, o que implicaria uma publicação em 202.³¹ Foi somente o sucesso, obtido em seguida a esse segundo livro, que levou Díon ao ambicioso projeto de escrever uma história desde seus primórdios, a única obra que nos alcançou.

²⁵ Millar 1964: 29.

²⁶ Murison 1999: 9.

²⁷ Hose 2010: 462-463.

²⁸ Como Rich (1990: 12), entendo que a crença de Díon era genuína, dada a quantidade de relatos congêneres em sua obra e, sobretudo, considerando o contexto cultural em estava inserido.

²⁹ Murison 1999: 9.

³⁰ Millar 1964: 29.

³¹ Murison 1999: 9.

O método que Dión seguiu é relacionado mais abaixo, no mesmo livro:

συνέλεξα δὲ πάντα τὰ ἀπ' ἀρχῆς τοῖς Ῥωμαίοις μέχρι τῆς Σεουήρου μεταλλαγῆς πραχθέντα ἐν ἔτεσι δέκα, καὶ συνέγραψα ἐν ἄλλοις δώδεκα: τὰ γὰρ λοιπά, ὅπου ἂν καὶ προχωρήσῃ, γεγράφεται.
73 (72). 23. 5

Reuni todos os feitos dos romanos, desde os primórdios até o desaparecimento de Severo, levando dez anos; e escrevi em outros doze anos. Os demais acontecimentos, serão registrados até quando me for permitido.

O excerto permite compreender a intenção do autor, no momento em deu início ao projeto, que que era escrever uma história de Roma desde os reis até a morte de Septímio Severo, em 211. Posteriormente, decidiu dar sequência aos principados posteriores, chegando, de forma muito resumida no último livro, até Alexandre Severo. A questão que tem suscitado maior polêmica entre os estudiosos de final do século XIX e ao longo do século XX é relativa à primeira parte do excerto: quando Dión pesquisou (por 10 anos) e escreveu (ao longo de 12 anos) a sua obra? Uma primeira corrente, mais tradicional, situa os 22 anos do projeto nos anos de 194 a 216³², 196 a 218³³ e 197 a 219.³⁴ A segunda corrente acredita em datas bem posteriores, como 212 a 234,³⁵ 211 a *circa* 231³⁶ e 221 como “fim da coleta de documentos; início da redação”³⁷, o que equivale a dizer 211 a 233. Uma terceira corrente, intermediária, propõe os anos de 201-223³⁸; 202 a 222³⁹; apenas para a composição, *circa* 210 a 220⁴⁰; 202 a 223.⁴¹ Filio-me à segunda corrente, que acredita que a obra foi escrita em um período mais tardio, já que não suponho que Dión pudesse escrever com tanta liberdade sobre Septímio Severo e Caracala em períodos anteriores ao principado de Alexandre Severo, quando o senado ganhou força política.

Pode parecer estranho ao leitor moderno o método de trabalho do historiador, que primeiro passou 10 anos coligindo material e só depois passou a escrever, por mais 12 anos. Contudo, a julgar por uma passagem de Luciano de Samósata⁴², esse procedimento era bastante normal para os historiadores da

³² Schwartz 1899: 1686.

³³ Gabba 1955: 295-301.

³⁴ Millar 1964: 30-32.

³⁵ Letta 1979: 148.

³⁶ Barnes 1984: 252.

³⁷ Molin 2016: 446.

³⁸ Vrind 1923: 166-1667; Rich 1990: 3-4.

³⁹ Edmondson 1992: 26-27.

⁴⁰ Hose 1994: 424-427.

⁴¹ Murison 1999: 11.

⁴² Lucian. *Hist. Conscr.* 47-48.

época. O que chama a atenção de muitos estudiosos modernos é fato de que, durante o período de pesquisa, Díon, muito provavelmente, apenas trabalhou com fontes literárias, ou seja, obras de colegas historiadores e, em menor escala, com obras de outros gêneros, desprezando os demais documentos (como inscrições epigráficas, arquivos, cartas, relatórios etc). Certamente, pelo menos para as primeiras décadas da *História Romana* – que cobrem as origens de Roma, desde Eneias, e prosseguem com o Reinado e os primeiros anos da República –, ele não poderia contar com documentos de primeira mão. Contudo, o que chama a atenção é que, mesmo sendo senador, há pouca evidência que indique que ele tenha utilizado os *acta senatus* para escrever a história mais recente. Notável exceção é uma referência a uma carta de Adriano a Antonino Pio (69. 17. 3).

A questão das fontes de Díon recebeu atenção especial dos estudiosos modernos, tanto mais, quanto menos se considera o valor literário da *História Romana*. Ou seja, Díon vem sendo estudado, sobretudo, por historiadores, preocupados com as informações reunidas na obra e com a fidelidade com que Díon reproduziu suas fontes, a maioria delas perdidas. Por conta disso, a obra não escapou da *Quellenforschung* de final do século XIX, embora autores da segunda metade do século XX, como Millar, admitam que os esforços pela busca das fontes são, regra geral, pouco satisfatórios.⁴³ A descrença de Millar na busca das fontes se deve a extrema opacidade de Díon, que ainda que diga que tenha lido todas as obras de história romana (1. 1. 2), só se refere, de modo específico à autobiografia de Augusto (44. 35. 3) e à de Adriano (66. 17. 1 e 69. 11. 2). Além desses, Salústio (40. 63. 4), Tito Lívio (67. 12. 14) e Arriano (69. 15. 1) são citados, mas não como fontes de informação. Essa omissão em citar os trabalhos de seus antecessores é, vale dizer, característico da historiografia antiga, que geralmente só se ocupa da questão em caso de conflito de informações e, mesmo neste caso, Díon se limita a dizer que prefere a versão mais “confiável”⁴⁴.

Uma linha de raciocínio que data de Schwartz sustenta que Díon, na fase de composição de sua obra, trabalhava, de maneira preponderante, com apenas uma fonte, fazendo uso ocasional de outros textos. Pelling⁴⁵ sustenta a hipótese da “fonte principal”, dizendo que, para um escritor antigo, seria praticamente inviável o acesso a vários rolos de papiro abertos ao mesmo tempo. Contudo, concordo com Rich⁴⁶, para quem os 10 anos de pesquisa empreendidos por Díon não se justificariam se, finalmente, o autor se baseasse em uma única fonte para escrever sua obra. Posto isso, não me parece improvável que alguns autores – e sobretudo os que escreveram pelo método analítico, ou seja, ano a ano – mereceram mais atenção de nosso historiador. Dentre eles: Tito Lívio,

⁴³ Millar 1964: 34.

⁴⁴ 56. 31. 1 “*axiopistoteris*”

⁴⁵ Pelling 1979: 91-95.

⁴⁶ Rich 1990: 6.

para a República⁴⁷; Cremutius Cordus e Aufidius Bassus para fim da República e início do Principado⁴⁸; Plínio, o Velho, que escreveu uma história *A fine Aufidi Bassi*, cobrindo provavelmente os principados de Calígula a Nero⁴⁹ e, como fonte comum a Suetônio e Tácito, Cluvius Rufus⁵⁰. Para a história de sua época, mais precisamente após a morte de Marco Aurélio, o próprio Dión afirma que não se basearia mais na narrativa de outros, senão na sua própria experiência (72 [71]. 36. 4).

A obra que nos chegou, a *Romaike Historia*, é composta de 80 livros, alguns em estado fragmentário, outros de forma integral. O texto de Dión está preservado apenas nos livros 36 a 54 (anos 68-10 AEC). Os livros 55 a 60 (ano 9 AEC a 46 EC) contêm numerosos fragmentos de Dión. Nos livros restantes, o texto foi restaurado a partir: 1. de excertos de obras históricas escritas sob o imperador Constantino Porfirogênito (912-959); 2. da obra do monge Xifilino (séc. XI), que fez uma epítome dos livros 36 a 80; 3. da obra de Ioannes Zonaras (séc. XII), usada para reconstituir os primeiros 20 livros de Dión⁵¹. Os excertos bizantinos são marcados pelo *oti* inicial e, conseqüentemente, mudam ocasionalmente a pessoa verbal quando Dión usa a primeira pessoa. São considerados evidência confiável do texto original. De modo geral, Xifilino é tido como o mais fiel ao texto de Dión e Millar se refere à epítome como “menos um resumo do que uma seleção bastante inconstante do seu material, substancialmente, mas não invariavelmente, na mesma ordem de Dión e mantendo-se muito próximo à suas palavras”⁵². Zonaras, por sua vez, é menos fiel ao texto original⁵³.

Os modelos historiográficos da época de Dión Cássio eram marcados por um retorno a dois grandes modelos gregos: Heródoto e Tucídides.⁵⁴ Dión tenta emular não somente o estilo de Tucídides, mas também a sua relação com as fontes. Como seu antecessor, Dión usava a *acribia* quando se deparava com várias versões, embora tenha renunciado, parcialmente, à *autopsia* ao se ter imposto a tarefa de escrever a história de Roma em tempos muito recuados. Para Martin Hose⁵⁵, a escolha de Tucídides como modelo se teria devido, como quer o autor, à falta de um “paradigma interpretativo”. Para um historiador vivendo sob o turbulento período dos Severos, a história romana não podia mais ser

⁴⁷ Schwartz 1899: 1697-1714. Com a ressalva de Manuwald (1979: 168-254) para o período triunviral.

⁴⁸ Rich 1990: 7.

⁴⁹ Murison 1999: 14.

⁵⁰ Townend 1960: 98.

⁵¹ Cf. Millar 1964: 1-4.

⁵² Millar 1964: 2. Cf Vrind, 1923: 4: *Xiphilinus Dionis verba in universum fideliter servare solet*.

⁵³ Cf. Vrind 1923: 7: *Zonarae vocabula non nisi magna cum prudentia singulis locis diligenter examinatis Dioni attribui possunt*.

⁵⁴ Migliorati 2003: xii.

⁵⁵ Hose 2010: 464.

interpretada por princípios teleológicos, como o fora por Heródoto, Políbio e Diodoro. Nisso, ressalte-se, Hose está de acordo com Millar⁵⁶, que assevera que Díon não possui qualquer estrutura explícita a partir da qual interprete os eventos que narra. Em razão disso, acompanha a interpretação de Tucídides sobre as ações humanas, que seriam movidas pela ganância e ambição. É essa “constante antropológica”⁵⁷ que oferece a Díon uma chave de leitura sobre guerras e demais eventos históricos, o que resulta em uma visão menos entusiasta⁵⁸ do período Republicano do que outros historiadores senatoriais, como Tácito.

Isso não quer dizer, contudo, que Díon não tenha ideias bem definidas sobre o sistema político de Roma e sua transformação ao longo da história. Sua visão sobre o Principado transparece, sobretudo, nos livros dedicados a Augusto e, de modo especial, no chamado “debate constitucional”, em que Agripa e Mecenas tentam convencer Augusto do melhor regime constitucional a adotar (52. 1 - 40). Agripa prega um retorno à República (e, para Fechner⁵⁹, ele veicula as ideias de Díon), enquanto que Mecenas propugna um modelo monárquico temperado, em que o *princeps* deveria governar respeitando as prerrogativas do senado (ideia com a qual o historiador parece concordar, para a maioria dos estudiosos modernos, como, por exemplo, Millar e Rich)⁶⁰.

Na verdade, na visão pragmática de Díon, o principado começa como um fato político, em 32 A.E.C., com a vitória de Actium, e não com o processo legal (ou, em termos modernos, constitucional) de concentração de poder das várias magistraturas, que foi levado a cabo por Augusto ao longo de vários anos. É isso que o historiador deixa patente no início do livro 51:

τοιαύτη τις ἡ ναυμαχία αὐτῶν τῆ δευτέρᾳ τοῦ Σεπτεμβρίου ἐγένετο. τοῦτο δὲ οὐκ ἄλλως εἶπον ‘οὐδὲ γὰρ εἴωθα αὐτὸ ποιεῖν’ ἀλλ’ ὅτι τότε πρῶτον ὁ Καῖσαρ τὸ κράτος πᾶν μόνος ἔσχεν, ὥστε καὶ τὴν ἀπαριθμησιν τῶν τῆς μοναρχίας

⁵⁶ Millar 1964: 73.

⁵⁷ Hose 2010: 465.

⁵⁸ Contrariamente Freyburger 1997: 118 “Notre historien a certainement une haute idée de ce regime [a República]”.

⁵⁹ Fechner 1986: 71.

⁶⁰ Cf. Millar 1964: 75 e Rich 1990: 13. O “debate constitucional” é um dos trechos mais debatidos da *Historia Romana*. Foge ao escopo deste trabalho tomar partido sobre a utilização política do discurso de Mecenas como um libelo contra o principado dos Severos. Limite-me a dizer que o fato de que, para Díon, o melhor modelo para Roma seja o monárquico não significa, necessariamente, que o discurso de Mecenas possa ser lido como um programa de governo redigido pelo historiador, visando a convencer seus leitores contemporâneos da importância do Senado. Cf. Steidle 1988: 203-224.

αὐτοῦ ἐτῶν ἀπ' ἐκείνης τῆς ἡμέρας ἀκριβοῦσθαι.

51. 1. 1 - 2

Tal foi a batalha naval deles no segundo dia de setembro. Não falo disso por outra razão, pois não estou acostumado a o fazer [i.e. citar datas], senão porque foi então que César, pela primeira vez, teve todo o poder sozinho; logo a contagem dos anos de seu governo corresponde exatamente a esse dia.

Cary, no comentário à passagem, diz que Dión é muito cuidadoso em fornecer com precisão a data inicial e final dos diversos principados. Provavelmente, seja por isso mesmo que a passagem é o início do livro 51, já que a organização analítica da obra vai perdendo força nos livros devotados ao Principado, que assumem um caráter biográfico, ou seja, mais centrado na figura de cada imperador.

Chamará a atenção de um leitor acostumado à leitura da história romana em latim o fato de Dión se referir ao regime de Augusto como monarquia. O vocábulo, contudo, é o modo como o autor se refere ao principado, como se pode observar no trecho, introdutório ao debate entre Agripa e Mecenas, em que comenta as constituições romanas ao longo da história:

ταῦτα μὲν ἔν τε τῇ βασιλείᾳ καὶ ἐν τῇ δημοκρατίᾳ ταῖς τε δυναστείαις, πέντε τε καὶ εἴκοσι καὶ ἑπτακοσίοις ἔτεσι, καὶ ἔπραξαν οἱ Ῥωμαῖοι καὶ ἔπαθον: ἐκ δὲ τούτου μοναρχεῖσθαι αὐθις ἀκριβῶς ἤρξαντο, καίτοι τοῦ Καίσαρος βουλευσαμένου τὰ τε ὄπλα καταθέσθαι καὶ τὰ πράγματα τῆ τε γερουσία καὶ τῷ δήμῳ ἐπιτρέψαι

52. 1. 1

E tais coisas fizeram e sofreram os romanos, sob o Reinado, sob a República e sob as dominações, durante 725 anos. Depois disso eles voltaram àquilo que era, em verdade, uma monarquia, ainda que César planejasse depor suas armas e entregar a administração ao senado e ao povo.

Basileia é o regime dos *basileus*, ou seja, o regime dos primeiros reis de Roma. Dión usa o vocábulo *basileus* para designar os reis, romanos (ou etruscos) ou estrangeiros.⁶¹ *Demokratia* é nome pelo qual designa a República romana e *dynasteias*, o período triunviral.⁶² Monarquia, por sua vez, designa, inicialmente, o poder pessoal de Augusto e, a partir da consolidação do regime, o principado em si.⁶³ Mais adiante, no mesmo livro, Dión, por meio de Mecenas, explica porque deve-se evitar usar o termo *basileus*:

⁶¹ Vrind 1923: 70; Freyburger-Galland 1997: 114.

⁶² Freyburger-Galland 1997: 113.

⁶³ Freyburger-Galland 1997: 139.

ταῦτά τε οὖν καὶ τᾶλλα πάνθ' ὅσα εἴρηκα ἐννοήσας πείσθητί μοι, καὶ μὴ πρόη τὴν τύχην, ἣτις σε ἐκ πάντων ἐπελέξατο καὶ προεστήσατο. ὡς εἶ γε τὸ μὲν πρᾶγμα τὸ τῆς μοναρχίας αἰρή, τὸ δ' ὄνομα τὸ τῆς βασιλείας ὡς καὶ ἐπάρατον φοβῆ, τοῦτο μὲν μὴ προσλάβης, τῇ δὲ δὴ τοῦ Καίσαρος προσηγορία χρώμενος αὐτάρχει. εἰ δ' οὖν καὶ ἄλλων τινῶν ἐπικλήσεων προσδέη, δώσουσι μὲν σοι τὴν τοῦ αὐτοκράτορος, ὡσπερ καὶ τῷ πατρί σου ἔδωκαν, σεβιοῦσι δὲ σε καὶ ἑτέρα τινὶ προσρήσει, ὥστε σε πᾶν τὸ τῆς βασιλείας ἔργον ἄνευ τοῦ τῆς ἐπωνυμίας αὐτῆς ἐπιφθόνου καρποῦσθαι.⁶⁴

52. 40. 1 - 2

Pense nessas coisas e em que eu lhe disse e se convença, e não deixe escapar a Fortuna, que escolheu você, dentre todos, e lhe estabeleceu como seu governante. Pois, se você preferir de fato a monarquia mas temer o título de rei como uma maldição, basta abdicar deste título e, ainda assim, ser o único governante sob o nome de César. E se você desejar outros epítetos, hão de te dar o de imperador, como o deram para seu pai. E eles reverenciarão sua posição augusta por outro termo de cortesia, de maneira que aproveitará a posição de rei sem o ódio que se associa a este termo.

E, a partir deste ponto da obra, *autokrator* passa a designar *princeps*, ou imperador⁶⁵. Díon, diversamente de outros autores gregos do período, jamais usa o vocábulo *basileus* para designar os príncipes.⁶⁶ Para a Freyburger-Galland⁶⁷ sua experiência política pessoal permitia que distinguisse uma “monarquia” de uma “realeza”, ou para ser mais preciso, um rei-*basileus* da nova categoria política que Augusto havia criado, o *princeps-autokrator*.

Para Díon, o regime instaurado por Augusto era um governo de um homem só que respeitava as liberdades republicanas, como enuncia no excerto seguinte:

διὰ τε οὖν ταῦτα, καὶ ὅτι τὴν μοναρχίαν τῇ δημοκρατίᾳ μίξας τό τε ἐλεύθερόν σφισιν ἐτήρησε καὶ τὸ κόσμιον τό τε ἀσφαλὲς προσπαρεσκεύασεν, ὥστ' ἔξω μὲν τοῦ δημοκρατικοῦ θράσους ἔξω δὲ καὶ τῶν τυραννικῶν ὕβρεων ὄντας ἔν τε ἐλευθερίᾳ σῶφρονι καὶ ἐν μοναρχίᾳ ἀδεεῖ ζῆν, βασιλευμένους τε ἄνευ

⁶⁴ No mesmo sentido, cf. 53. 17. 4

⁶⁵ Nos livros anteriores, como no uso republicano do termo *imperator*, Vrind (1923) se refere ao emprego de *autokrator propter victoriam reportatam* (p. 35) ou *qui cum império quodam maiore est* (p. 36).

⁶⁶ Vrind 1923: 72.

⁶⁷ Freyburger-Galland 1997: 116.

δουλείας καὶ δημοκρατουμένους ἄνευ διχοστασίας,...
56 (55). 43. 4

Não somente por isso [os romanos lamentaram a sua morte], mas também porque, tendo combinado a monarquia com a república, ele preservou a sua liberdade e, ao mesmo tempo, estabeleceu ordem e segurança, de tal maneira que eles estavam livres tanto da licença da democracia e da insolência da tirania, vivendo em uma liberdade de moderação e em uma monarquia sem terror. Eles eram súditos da realeza, embora não fossem escravos, e cidadãos de uma república, ainda que sem discórdia.

Estava claro que o novo regime monárquico não era uma verdadeira *Res publica-demokratia*⁶⁸ mas apenas uma aparência de democracia 42. 27. 2. Para Díon, o regime republicano não era adaptado para o Império Romano, que exigia o poder concentrado em uma pessoa. No dizer de Fergus Millar, que explica a posição política do historiador:

... suas preferências são ditadas somente por considerações de ordem pública. Era claro que o livre funcionamento da constituição republicana levava à desordem e à imposição de uma ordem de um único líder; nesses termos vinha a conclusão de que a monarquia era preferível e inescapável.⁶⁹

Nisso, Díon Cássio, senador e historiador de origem provincial, parecia-se com seu colega – no senado e na historiografia – Tácito, ele próprio também provincial. Para ambos, o principado era uma instituição inescapável, ditada pelas circunstâncias da *Realpolitik* imperial. Para Tácito, contudo, apesar de seu pessimismo (talvez ditado pelo estilo) o futuro poderia ser luminoso, se a dinastia antonina perseverasse no pacto político instituído com o principado de Nerva. Díon – concedam-lhe isso os historiadores da Antiguidade Tardia – tinha plena razão em admitir que vivia em tempos sombrios: o “reino de ferro”, em suas próprias palavras⁷⁰. Embora seja temerário afirmar que Díon previra a Crise do terceiro século, não se pode negar a lucidez do historiador quanto à avaliação da dinastia dos Severos.

⁶⁸ Cf. 53. 1. 3

⁶⁹ Millar 1964: 75.

⁷⁰ Cf. nota 3.

BIBLIOGRAFIA

EDIÇÕES:

- Cassii Dionis Cocceiani (1885-1901), *Historiarum Romanarum quae supersunt*. Edidit Vrsulus Phillipus Boissevain. Berolini: apud Weidmannos.
- Cassius Dio Cocceianus (1885-1901), *Historiae Romanae quae supersunt*. Edição de Ursul Philip Boissevain. Berlim.
- Dio Cassius (1914-1924), *Roman History*. With an English translation by Earnest Cary on the basis of the version of Herbert Baldwin Forster. Cambridge.
- Dionis Cassii Cocceiani (1824-1827), *Historiarum Romanarum quae supersunt*. Graeca ex codicibus mss. aliisque subsidiis supplevit et emendavit Fridericus Guilielmus Sturzius. Lipsiae.
- Dio Cassius Cocceianus (1824-1827), *Historiae Romanae quae supersunt*. Edição de Friedrich Wilhelm Sturz. Leipzig.

ESTUDOS:

- Barnes, T. D. (1984), “The Composition of Cassius Dio’s ‘Roman History’”, *Phoenix* 38, 3: 240-255
- Edmonson, J. (1992), *Dio’s The Julio-claudians: Selections from books 58 – 63 of the Roman History of Cassius Dio*. Translated and with historical commentary. London.
- Fechner, D. (1986), *Untersuchungen zu Cassius Dios Sicht der Römischen Republik*. Hildesheim.
- Freyburger-Galland, M. (1997), *Aspect du vocabulaire politique et institutionnel de Dion Cassius*. Paris.
- Gabba, E. (1955), “Sulla Storia Romana di Cassio Dione”, *Rivista Storica Italiana* 67: 289-333.
- Gowing, A. M. (1999), “Dio’s Name”, *Classical Philology* 85, 1: 49-54.
- (1992), *The Triumviral Narratives of Appian and Cassius Dio*. Ann Arbor.
- Hose, M. (2010), “Cassius Dio: a Senator and Historian in the Age of Anxiety”, in J. Marincola (ed.), *A Companion to Greek and Roman Historiography*. Oxford, 461-467.
- (1994), *Erneuerung der Vergangenheit: die Historiker im Imperium Romanum von Florus bis Cassius Dio*. Leipzig.
- Letta, C. (1979), “La composizione dell’opera di Cassio Dione: cronología e sfondo storico”, in L. Troiani, C. Letta, E. Noè (eds.), *Ricerche di storiografia greca di età romana*. Pisa, 121-179.

- Lucien (2010), *Comment écrire l'histoire*. Traduit par André Hurst. Paris.
- Manuwald, B. (1979), *Cassius Dio und Augustus: Philologische Untersuchungen zu den Büchern 45-56 des dionischen Geschichtswerkes*. Wiesbaden.
- Migliorati, G. (2013), *Cassio Dione e l'impero romano da Nerva ad Antonino: alla luce dei nuovi documenti*. Milano.
- Millar, F. (1964), *A Study of Cassius Dio*. Oxford.
- Molin, M. (2016), "Biographie de l'historien Cassius Dion", in V. Fromentin et al. (eds.), *Cassius Dion: nouvelles lectures*. Bordeaux, 441-446.
- Murison, C. L. (1999), *Rebellion and Reconstruction: Galba to Domitian. An Historical Commentary on Cassius Dio's Roman History Books 64-67 (A.D. 68-96)*. Atlanta.
- Pelling, C. (1979), "Plutarch's method of work in the Roman Lives", *Journal of Hellenic Studies* 99: 74-96.
- Rich, J. W. (1990), "Introduction", in Cassius Dio, *The Augustan Settlement (Roman History 53-55.9)*. Edited with translation and commentary by J. W. Rich. Warminster.
- Rosellini, M. (1996), "Introduction", in Dion Cassius, *Histoire Romaine: livres 40 - 41*. Introduction, traduction et notes par Michèle Rossellini. Paris.
- Schwartz, E. (1899), "Cassius", *Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft* 3, 2: 1684-1722.
- Steidle, W. (1988), "Beobachtungen zum Geschichtswerk des Cassius Dio", *Würzburger Jahrbücher für die Altertumswissenschaft* 14: 203-224.
- Townend, G. (1961), "Traces in Dio Cassius of Cluvius, Aufidius and Pliny", *Hermes* 89, 2: 227-248.
- Veyne, P. (2005), *L'Empire gréco-romain*. Paris.
- Vrind, G. (1971 [1923]), *De Cassii Dionis vocabulis qui ad ius publicum pertinent*. Ristampa anastatica dell'edizione Den Haag, 1923. Roma.

(Página deixada propositadamente em branco)